FRAGMENTOS DE UM ATEU: SIMULAÇÃO, EXTINÇÃO HUMANA, ARTE COMO REFÚGIO, DESEJO DE IMORTALIDADE E HUMILDADE

Acordei e pensei: talvez viva em uma simulação! Meu eu verdadeiro fora um escritor famoso morto em torno do ano 2100. Já havia, nessa época, tecnologia suficiente para criar uma realidade artificial a partir das memórias armazenadas nas células cerebrais do defunto.

Os cientistas, ávidos do desejo de compreender como uma mente brilhante se forjara, fizeram este experimento e cá estou revivendo novamente minha história, tendo eles (e quem sabe o mundo futuro) de espectadores de todo movimento que executo. Infelizmente, o cérebro de Machado de Assis se decompusera, então tiveram de contentar-se comigo.

Anotam cada inspiração minha, analisam meus pensamentos mais profundos, as horas de dedicação à leitura, os métodos que emprego na escrita, quais filósofos me influenciaram, pecados cometidos e hábitos pessoais.

Por isso, nunca estou só. O porvir me acompanha.

Recuso-me a fazer parte disso. Não desejo continuar pertencendo a uma espécie extremamente cruel e sádica com as outras formas de vida. A humanidade vale nada. Desistir é o mais justo, a melhor opção. É ilógico permanecer em um planeta no qual preciso extrair energia e vitalidade de seres inocentes para sobreviver adequadamente.

O vampiro é uma figura de linguagem que representa o humano em essência. Somos parasitas de animais e plantas. Os bichos não merecem sofrimento. Estamos abaixo deles. Sem eles morreríamos. Nossa dependência: total. Homem, o patetiquíssimo. Em sua arrogância acredita ocupar o topo. Mas é o último na hierarquia das criaturas.

Escrevo para continuar vivendo.

Escrever é forma de adiar minha morte. A arte como refúgio contra a tristeza e o vazio da melancolia: ela me salvará do dilúvio de depressão.

Às vezes falta-me inspiração: escrevo qualquer coisa mesmo assim, para compensar.

O que me tira da cama todos os dias é saber que posso criar texto novo. Ainda que eu morra, meu trabalho sobreviverá. Mais: se for descoberto pela pessoa certa, poderei fazer sucesso postumamente. Afinal, todos nós desejamos a imortalidade, não é mesmo? E cada um busca a melhor maneira de alcançá-la para si. O método comum: filhos. Os meus não são de carne e osso, mas de tinta e papel. E me refletem melhor do que os primeiros aos seus pais.

O TOC me consome: meu tempo e energia leva embora. Será que todos têm algo que os consome, ou só eu e uns poucos doentes mentais suportamos isto? Poderia já ter sustento próprio, ser concursado talvez, se não tivesse esse superego ditador exigindo perfeição nos mínimos detalhes. O que quero compensar? O que me falta provar? Eu não me aceito do jeito que sou? Sofro de qual falta?

Não dá para ser imortalizado como gênio pela história por meio do Direito. Pouquíssimos o conseguiram: Ulpiano, Hugo Grócio, Beccaria, Kelsen, talvez algum outro. A filosofia e a literatura são caminhos menos impossíveis.

Sempre haverá várias pessoas melhores do que nós naquilo que fazemos de excelente. Versões melhoradas de nós mesmos: isto há em abundância nos outros. O alheio nos supera a todo momento. Por isso devemos ser humildes e saber nosso lugar no mundo.

Substack 04/02/2026
https://margemcritica.substack.com/p/fragmentos-de-um-ateu-simulacao-extincao